



FORMULÁRIO 1

ARQUITETURA DIFERENCIADA (PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO)

(Barragens/Represa, Chaminés, Estufas de Fumo,
Moinhos, Rodas d'água, Pontes, Carvoeiras, Alambiques,
etc.)

MUNICÍPIO: Rio do Sul

Denominação do Local: Acervo Arqueológico

Nome e Endereço do Proprietário Atual: Museu Histórico Cultural de Rio do Sul – Rua Oscar Barcelos, s/n – Antiga Estação Ferroviária – Centro.

Nome dos Proprietários Anteriores e Datas de Propriedade do Imóvel: Pertenceram aos indígenas, Victor Jensen, hoje Museu Histórico.

Ano de Construção: Pré-história e 1890 a 1990.

Endereço de Localização do Imóvel: Museu Histórico Cultural de Rio do Sul – Rua Oscar Barcelos, s/n – Antiga Estação Ferroviária – Centro.

Importância do Imóvel para a Coletividade: Representa uma grande contribuição na parcela da história do Alto Vale do Itajaí.

Breve Histórico do Imóvel: Documentos encontrados na região do Alto Vale do Itajaí, o acervo é composto de 300 peças. Entre elas: pontas de projétil, mão de pilão, raspadores, soquetes, entre outras (material lítico).

Foram doadas por Victor Jensen e pela comunidade que ao trabalhar em suas terras, encontraram e ainda encontram o material.

O material nunca sofreu uma análise minuciosa, por parte de arqueólogos, sobre a forma de uso, sendo identificados no dia-a-dia, para realização de trabalhos relacionados à sobrevivência, cortar, retalhar, servir como machados, moer grãos.

As pontas de flechas eram feitas com sílex, quartzo, pedra ferro. Existiam variados tipos de pontas de flechas, e para confeccioná-las, cortavam aos poucos com outra pedra, até formar uma flecha e depois era dado o fio. Podemos também destacar as pedras que serviam como cortadores de cabelo (uma pedra achatada, sobre a qual colocava-se o cabelo, e outra bem afiada, normalmente lascada, com a qual iam “picando” o cabelo aos poucos).

A confecção do material lítico era tarefa masculina. Quando não estavam na caça, eles faziam flechas. Sendo que no passado, produziam artefatos com valor de uso; hoje o fazem como mercadorias, logo com valor de troca. Assim conseguem suprir algumas de suas necessidades.

O museu histórico cultural possui alguns artefatos e fotografias doados pelo senhor Victor Lucas, que recebeu do senhor Eduardo Lima e Silva Hoerhann, o pacificador. E da comunidade rio-sulense.

Referência: Rio do Sul: nossa história em revista. Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Público Histórico de Rio do Sul. Tomo III, n.3, 2001. Rio do Sul: Nova Era, 2001.

Uso Original do Imóvel: Como Armas e Ferramentas dos índios.

Uso Atual do Imóvel: Exposição no Museu Histórico Cultural e Arquivo Público Histórico de Rio do Sul.

Proposta de Uso para o Imóvel: Exposição Museológica, atividades educativas no Museu e comunidade e exposição itinerante.

PROJETO RESGATE DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ALTO VALE DO ITAJAÍ

Estado de Conservação Atual do Imóvel: Ótimo

Caso o Imóvel passou por alguma reforma, descrever como e quando foi feita a mesma e quais os materiais que foram utilizados nessa(s) reforma(s) (tijolo, cimento, argamassa, etc.)

Observações Gerais/Curiosidades sobre o Imóvel: Os xokleng, (também conhecidos como “Bugres” ou Botocudos) ocupavam a região da mata atlântica, entre o litoral e o planalto, desde o norte do Rio Grande do Sul até o sul do Paraná, ocupando ainda, os pinheirais das bordas do Planalto Catarinense. Seu contato com a população nacional, baseando-se na documentação existente, ocorreu no final do século XVIII e intensifica-se na segunda metade do século XIX, até o início do século XX. Os Xokleng são o grupo mais bem estudado pelos pesquisadores.

Existem pouquíssimas referências a este grupo em documentos anteriores ao século XIX. Isto pode ser explicado pelo fato de que seu território tradicional, a região da Mata Atlântica entre o litoral e o Planalto, tenha ficado à margem dos processos de ocupação colonial, até a metade do século XIX, quando contingentes de colonos europeus começaram a ser instalados ali por iniciativa governamental e particular.

É um grupo indígena de língua JÊ, aparentada com a língua Kaingang. Ao menos em tempos históricos, eram nômades que viviam de caça e da coleta de frutas, mel e pinhão. Este regime de subsistência os condicionava a um constante deslocamento entre áreas próximas ao litoral, no verão, e às bordas dos pinheirais do planalto durante o outono. No verão o grupo se reunia para a festa de perfuração dos lábios das crianças, sinal distintivo do grupo.

Entre excursões de caça e coleta, a vida fluía. Os homens fabricavam arco, flechas, lanças e diversos artefatos necessários ao cotidiano. As mulheres teciam mantas com fibras de urtiga que serviam de agasalho nas noites de inverno. Cuidavam das crianças, faziam pequenas panelas de barro e cestos de taquara para guarda de alimentos, cuidavam do preparo da comida, colhiam; estocavam e maceravam o pinhão e com ele faziam um tipo de farinha. Cozinham ou moqueavam peças de carnes dos animais e aves abatidos; preparavam bebidas fermentadas com mel e xaxim. Quando o grupo se deslocava, a mulher levava toda “tralha” doméstica.

O nome xokleng é apenas uma palavra do seu vocabulário pela qual eles foram identificados na literatura antropológica. Regionalmente continuaram a ser os Botocudos, em consequência do uso, pelos homens, de enfeite labial, denominado tembetá.

Referência: Rio do Sul: nossa história em revista. Fundação Cultural de Rio do Sul. Arquivo Público Histórico de Rio do Sul. Tomo III, n.3, 2001. Rio do Sul: Nova Era, 2001.

Nome e Assinatura do Agente Cultural: Cátia Dagnoni

Data de Preenchimento do Formulário: 26 de setembro de 2006